SENADOR FRANCO MONTORO

SIGNIFICAÇÃO DA FILOSOFIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

SENADOR FRANCO MONTORO

SIGNIFICAÇÃO DA FILOSOFIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

INDICE

		Pág.
1.	Inutilidade ou valor da Filosofia	5
2.	Diferentes conceitos de Filosofia	11
3.	O problema do desenvolvimento brasileiro e o colonialismo cultural	19
4.	Importância da Filosofia como reflexão crítica sobre os aspectos fundamentais de nosso desenvolvimento cultural	25
5.	Bibliografia	29

Cada homem tem inteira liberdade de escolher entre essas duas coisas: ser filósofo ou ser sonâmbulo.

1. INUTILIDADE OU VALOR DA FILOSOFIA

Vem diminuindo o número de candidatos às Faculdades de Filosofia. O número dos que procuram os demais cursos universitários vem sendo explosivamente maior. Parece haver um interesse cada vez menor pela Filosofia.

Quais as possíveis razões e a significação desse desinteresse?

Será a Filosofia uma inutilidade para a atual realidade brasileira? Serão os filósofos e os estudiosos de filosofia uma espécie de parasitas de nossa vida cultural? Terá a Filosofia o sentido de um requinte de cultura, destinado ao deleite espiritual de alguns privilegiados? Ou estarão falhando os métodos de ensino e estudo de Filosofia?

Isso coloca naturalmente dois problemas. Primeiro, que é ou deve ser a Filosofia? Segundo, qual a sua significação na realidade brasileira?

De acordo com uma concepção muito difundida, a filosofia seria a ciência das inutilidades. Sua história reduzir-se-á a uma seqüência de discussões estéreis sobre temas extravagantes. Não há melhor caricatura dessa imagem do que o problema que teria preocupado os filósofos da decadência medieval "Se uma quimera voando no vácuo pode se alimentar de substâncias segundas".

Na mesma linha é a definição humorística de filosofia proposta por VOLTAIRE: quando dois homens discutem, falando um daquilo de que não entende e outro finge que está entendendo, então eles fazem filosofia... No campo da filosofia jurídica, MOTULSKY refere conceito semelhante de um jurista inglês, para quem "Filosofia do direito é tudo o que, no campo do direito, não tem utilidade prática."

O mesmo aspecto é destacado num velho provérbio americano, "a filosofia não faz pães." "Philosophy makes no bread."

Daí a conhecida fórmula com que o anônimo escritor da Idade Média, definiu ironicamente a filosofia: "ciência transcedental que, com a qual ou sem a qual, o mundo continua tal e qual."

No Brasil, o filósofo tem sido olhado como um ser estranho e meio marginal. "Algo como um louco manso, que, farto de trabalho sério, se entrega a ocupações vadias, como colecionar selos ou borboletas". A observação é de GLADSTONE CHAVES DE MELO, que acrescenta: "Esse menosprezo da especulação teria origem, segundo alguns, na espécie de gente que veio colonizar o Novo Mundo; homens rudes ou pragmáticos, para quem a única coisa importante era ganhar a vida e, se possível, enriquecer. Outros acham que nossa pobreza em matéria de Filosofia se deve à pouca idade do país, lembrando que, nos Estados Unidos, país desenvolvidíssimo, a situação não seria melhor do que a nossa. Tais outros põem o desdém pela Filosofia à conta de uma incapacidade radical do homem brasileiro para a especulação. É o caso de Tobias Barreto, que, depois de observar que "não há domínio algum da atividade intelectual em que o espírito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo, como no domínio filosófico", acrescenta que "o Brasil não tem cabeça filosófica". (O pensamento filosófico no Brasil, Rio, 1971.)

A Filosofia reduzir-se-ia, assim, a uma série de discussões intermináveis, sem nenhuma utilidade ou função séria na vida social. E, particularmente no Brasil, seu estudo representaria, apenas, desperdício de tempo.

Qual a validade dessas afirmações?

Aos que se impressionam com as discussões e divergências no campo da Filosofia, devemos lembrar que divergências e oposições marcam, também, as doutrinas científicas, no campo da Física, da Biologia, da Psicologia, da Sociologia e da própria Matemática, em que se opõem as geometrias euclideana e não euclideana.

Em uma perspectiva filosófica, tais discussões encerram, entretanto, uma lição: revelam, de um lado, a complexidade do mundo real, e de outro as limitações e condicionamentos da inteligência humana.

A realidade, com seus múltiplos aspectos e o dinamismo que a caracteriza, pode ser comparada a um poliedro de inúmeras faces, que se movem e se modificam continuamente. Certas doutrinas focalizam uma face. Outras, outra.

Com frequência, no fundo da variedade de formulações e aparentes contrariedades entre os autores, há um núcleo de pensamento comum, que se torna cada vez mais amplo. As doutrinas e interpretações, em sua maior parte, não se excluem. Antes, de certa forma, se completam. Focalizam aspectos distintos e correspondem a contextos e condições históricas diferentes. E representam contribuições positivas para a compreensão global dos problemas. Um exame objetivo das doutrinas revela a existência de muitos "pseudo problemas", isto é, questões apenas aparentes, que, na realidade, desaparecem quando se analisa o pensamento do autor dentro dos pressupostos lógicos, históricos e terminológicos em que ele se situa. Poder-se-ia falar numa espécie de processo de decantação histórica, que, através dos séculos, vai eliminando progressivamente os desacertos e as demasias e projetando novas luzes sobre o campo, cada vez maior, do conhecimento humano.

Daí a importância de uma atitude compreensiva, de abertura filosófica e, sobretudo, do "diálogo". Não é sem razão que os "Diálogos", de PLATÃO, ao lado de outros "Diálogos famosos", constituem documentos dos mais representativos do pensamento filosófico.

Que dizer da alegada inutilidade da Filosofia?

É evidente que ela não tem serventia semelhante à de um refrigerante ou à de um aparelho de lavar pratos. Não serve para curar resfriados, não tem as "mil e uma utilidades" apregoadas pela propaganda de certos produtos.

Nesse sentido, como disse ORTEGA Y GASSET, a famosa inutilidade da Filosofia é talvez o sintoma mais importante para que vejamos nela um verdadeiro conhecimento. Uma coisa que "serve" é algo que serve outra coisa e, nessa medida, é servil. A Filosofia, que é a vida autêntica, a vida possuindo-se a si mes-

ma, não é útil para nada que lhe seja alheio. Nela, o homem é apenas servo de si mesmo, o que quer dizer que só por ela o homem é senhor de si mesmo. Cada homem tem inteira liberdade de escolher entre essas duas coisas: ser filósofo ou ser sonâmbulo. Hoje, com o impacto dos meios de comunicação e a opressiva intervenção da propaganda, há, cada vez mais, a possibilidade de produção em série de "sonâmbulos" ou pessoas, sem capacidade de crítica. A própria forma de comunicação da televisão dispensa o telespectador de qualquer esforço pessoal. A imagem flui para a consciência sem necessidade de reflexão. Essa consideração nos permite vislumbrar a importância da filosofia, como instrumento de reflexão crítica, como arma contra um tipo de civilização em que o "ter" é mais importante que o "ser" e, principalmente, como despertadora dos sonâmbulos e aquecedora dos mornos.

Viver não é percorrer um caminho já traçado. É construir a cada momento sua própria existência. Isso supõe valores, concepções, conhecimentos, qualidades, influências e condicionamentos de toda espécie. Posso segui-los passivamente, como um autômato, ou refletir em profundidade sobre as grandes linhas dessas concepções, valores ou condicionamentos. Nesse sentido, ainda que confusamente, cada um de nós tem sua filosofia. Pode seguíla inconscientemente, como um autômato, ou refletir sobre os seus fundamentos, como um homem que filosofa.

Assim, em resposta ao provérbio americano, poderíamos dizer que, "sem alguma filosofia, nunca teríamos um pedaço de pão". Pois o fato de fazer pães implica uma posição sobre o problema filosofico do valor da vida. A vida vale a pena ser vivida? Não, dizem as filosofias pessimistas, cuja conclusão lógica é o suicídio, e, portanto, a desnecessidade de pães. Sim, respondem outras concepções filosoficas, que sustentam a superioridade da vida e a conveniência de sua manutenção. É certo que os padeiros não costumam formular conscientemente tais problemas. Mas, de qualquer forma, adotam, pelo senso comum, uma das soluções. E uma das funções da filosofia é precisamente a de procurar responder ou aclarar os grandes problemas que os homens colocam para si mesmos nos momentos de reflexão.

A filosofia é, assim, uma atitude inevitável. Aos que pretendem contestá-la, convém lembrar que refutar a filosofia é uma forma de filosofia; ou a expressão pitoresca de MARITAIN: o homem faz filosofia até quando dorme.

Mas o melhor argumento em favor da filosofia, talvez seja de ordem histórica. Há mais de 20 séculos a cultura filosófica da Grécia marcava o apogeu de uma das maiores civilizações do passado. A partir daí, superando obstáculos e dificuldades, a filosofia, sempre presente, atua intensamente sobre todos os períodos da História: antiga, medieval, moderna, contemporânea. E, até hoje, não há Universidade ou Centro de Cultura, no Ocidente ou no Oriente, em que a Filosofia não seja objeto de estudo e pesquisa, como disciplina indispensável ao desenvolvimento humano.

A essência da filosofia é a procura do saber e não a sua posse. A Filosofia é sempre uma reflexão crítica e em profundidade sobre os grandes problemas que interessam ao homem.

2. DIFERENTES CONCEITOS DE FILOSOFIA

Que é então a Filosofia? Como defini-la?

O vocábulo "filosofia" tem, na realidade, diversas significações e é empregado em acepções diferentes nas línguas modernas. Entre essas significações, podemos fixar, como mais importantes, as seguintes:

- Filosofia como reflexão crítica ou busca do saber (Filo-sofia)
- 2. Filosofia como concepção geral do mundo e da vida (Cosmovisão)
- 3. Filosofia como reflexão sobre os fundamentos ou pressupostos das ciências (Filosofia das Ciências ou Epistemologia)
- 4. Filosofia como reflexão sobre a totalidade das coisas ou sobre o ser enquanto ser (Ontologia, Metafísica ou Filosofia Primeira).

FILOSOFIA COMO PROCURA DO SABER

É esse o sentido de filosofia focalizado, entre outros, por HUISMAN e VERGEZ, no "Curso Moderno de Filosofia" (Ed. Freitas Bastos, Rio, 1967.

A filosofia não é a "sofia" (sabedoria). É somente o desejo, o amor ("filo") dessa sabedoria. Esta distinção essencial proposta por PITAGORAS, é atualmente ressaltada por KARL JASPERS. Em seu pequeno e brilhante livro "Introdução à Filosofia",

JASPERS insiste na idéia de que a essência da filosofia é a procura do saber e não a sua posse. A filosofia "se trai a si mesma quando degenera em dogmatismo, isto é, num saber posto em fórmula, definitivo, completo. Fazer filosofia é estar a caminho; as perguntas em filosofia são mais essenciais que as respostas e cada resposta transforma-se numa nova pergunta". Há na pesquisa filosófica, uma humildade autêntica que se opõe ao orgulhoso dogmatismo do fanático; o fanático está certo de possuir a verdade. Assim sendo, ele não tem mais necessidade de pesquisar e sucumbe à tentação de impor sua verdade a outrem. Acreditando estar com a verdade, ele não tem mais o cuidado de se tornar verdadeiro. A verdade é sua propriedade, enquanto que para o filósofo ela é uma exigência. No caso do fanático, a busca da verdade degradou-se na ilusão da posse de uma certeza. Ele se acredita o proprietário da certeza, ao passo que o filósofo esforça-se por ser o peregrino da verdade. A humildade filosófica consiste em dizer que a verdade não pertence mais a mim que a ti, mas que ela está diante de nós. Assim a consciência filosófica não é nem uma consciência feliz, satisfeita com a posse de um saber absoluto, nem uma consciência infeliz, presa das torturas de um ceticismo irremediável. Ela é uma consciência inquieta, insatisfeita com o que possui, mas à procura de uma verdade para a qual ela se sente talhada.

Expressar-se-á bem a idéia de que a filosofia é procura e não posse, definindo o trabalho filosófico como um trabalho de reflexão. A reflexão é uma espécie de movimento de volta a si mesmo (re-flexão) executado pelo espírito, que põe em exame os conhecimentos que possui. A experiência da vida nos dá uma multidão de impressões e opiniões .A prática de uma especialidade, o conhecimento científico, nos trazem outras noções mais completas e mais precisas. Todavia, por mais rica que seja a nossa experiência da vida, por mais completos que sejam nossos conhecimentos científicos, nada disso atua como filosofia. Ser filósofo é refletir sobre este saber, interrogar-se sobre ele, problemati zá-lo. Definir a filosofia como re-flexão é ver nela um conhecimento não do primeiro grau, mas do segundo grau, um conhecimento do conhecimento, um saber do saber.

FILOSOFIA COMO COSMOVISÃO

Uma das significações mais correntes da palavra "Filosofia" é a que a identifica com a "concepção da vida e do mundo", adotada por uma pessoa ou grupo social. É o conjunto de valores, sen-

timentos, ideais e aspirações que aproximam os membros de uma classe, grupo, comunidade e os distingue ou opõe a outros grupos. Nesse sentido, falamos que cada homem tem a sua "filosofia", ou nos referimos à "filosofia dos agricultores, dos industriais, dos portugueses ou dos paulistas". Dessa acepção ocupou-se VAN ACKER, cujo pensamento procuramos sintetizar.

Os alemães indicam esse significado com a palavra "Weltanschauung" (visão do mundo). E, hoje, generaliza-se o uso das expressões "cosmovisão", "mundividência", e outras semelhantes. O termo "weltanschauung" foi criado pelo humanista HUMBOLDT (1767-1830) para significar principalmente as concepções do mundo e dos valores por parte de grupos étnicos, políticos, culturais e religiosos. Por extensão, as palavras "cosmovisão" e "mundividência" foram aplicadas, posteriormente, a qualquer concepção do mundo e da vida, e não apenas às estritamente filosóficas. E o termo "filosofia", principalmente nos idiomas neolatinos, passou a designar qualquer cosmovisão da vida, por mais desprovida que seja de espírito e de estilo propriamente filosóficos. Assim, fala-se em "filosofia do facismo, do nazismo, do stalinismo" e até em filosofia do "futebol" ou "filosofia do trânsito".

A multiplicidade de concepções de vida, determinadas pela psicologia, pela raça, pela classe social, pela fase histórica e demais fatores, nos permite sua redução a um série de "tipos".

Para DILTHEY, há três espécies de cosmovisões:

- 1. a dos **filósofos**, que, segundo alguns, é baseada em razões lógicas ou objetivas, dotadas de validade universal, mas que segundo DILTHEY são ditadas, na realidade, pelas disposições psíquicas e os temperamentos diferentes dos filósofos;
- 2. a cosmovisão dos artistas, baseadas no sentimento estético, e exprimido simbolicamente a atitude subjetiva do artista em face da vida e do mundo; assim, para Stendhal e Balzac a vida aparece como um tecido de ilusões, paixões, beleza e perdição, em que domina a vontade egoísta; ao passo que para Corneille e Schiller, a vida é o cenário da ação nobre e heróica;
- 3. finalmente, a cosmovisão dos religiosos, baseada na consciência da dependência do homem para com o sobrenatural ou supra sensível. Daí ser a cosmovisão religiosa essencialmente avessa ao naturalismo, que se contenta com a realidade sensível e material.

A cosmovisão segundo DILTHEY resulta da operação conjunta das três atividades básicas do homem: conhecimento, sentimento e vontade. Se predomina a função cognitiva, o homem orgulharse-á de seu realismo, a clareza de espírito constituirá seu valor supremo e sua cosmovisão será intelectualizada e teórica. Ao contrário, o indivíduo em que predomina o sentimento escolhe aqueles aspectos do universo que mais o atraem, sua beleza e harmonia, e os converte em chave de sua cosmovisão. O homem no qual a vontade predomina verá o mundo dos fatos como a manifestação de um poder criativo, que existe para ser o teatro da ação humana; não verá a verdade como clareza cognitiva, mas como dever moral, como um conjunto de condições que, na ação, se impõem a si mesmas.

DILTHEY afirma que o desenvolvimento das cosmovisões se acha vinculado ao esforço de cada homem para resolver o que ele chama "o enigma da vida"; isto é, os problemas relativos ao nascimento e à morte, à alegria e à dor, amor e ódio, poder e fraqueza do homem e sua posição na natureza. E toda cosmovisão, seja religiosa, artística ou filosófica é, essencialmente, uma tentativa de solucionar esse enigma, "que constitui o único, obscuro e espantoso objeto de toda a filosofia".

Para DILTHEY e alguns autores modernos, a filosofia é uma cosmovisão relativa, variável ao sabor da subjetividade individual ou histórico-cultural dos filósofos. Esse relativismo subjetivista é contestado por HUSSERL, ORTEGA Y GASSET, JULIAN MARIAS e outros. Para MARX, cosmovisão é sinônimo de "ideologia" e, mais exatamente, de ideologia de classes, assim a filosofia de ROUSSEAU seria a representação da ideologia do burguês do século XVIII.

FILOSOFIA COMO REFLEXÃO SOBRE FUNDAMENTOS DAS CIÊNCIAS

"Filosofia é a crítica aos postulados das ciências particulares", eis a primeira definição proposta por VAN ACKER, em sua "Introdução à Filosofia e Lógica" (Ed. Saraiva, 1932, p. 7), cuja explicação pode ser assim sintetizada:

Todas as ciências têm, na sua base, certos pressupostos, postulados ou suposições que são aceitos, sem discussão ou crítica, como ponto de partida nas respectivas investigações.

Cabe à filosofia — e essa é uma de suas perspectivas mais importantes — o estudo desses problemas fundamentais.

É tarefa da filosofia, estudar criticamente esses pressupostos. É esse o pensamento comum dos modernos. É, também, doutrina tradicional aristotélica-tomista.

Alguns exemplos:

Objeto principal das Matemáticas é o espaço, pois dele provém a noção de número e as generalizações algébricas. Ora, segundo KANT, o espaço é forma a priori da intuição sensível; segundo SPENCER, é uma realidade incognoscível; para BERGSON, esquema ideal dividindo a matéria para submetê-la à ação dos homens. NEWTON, CLARKE, SPINOSA, LODGE, etc., são favoráveis ao espaço absoluto; DESCARTES, SUAREZ, BALMES lhe atribuem existência relativa. É óbvio que do exame da existência e da natureza do espaço depende a valorização crítica das ciências matemáticas, especialmente das geometrias euclidiana e não-euclidiana. Verdade é que muitos matemáticos não cuidam de tais questões mas tal não é o proceder dos grandes matemáticos, como DESCARTES, LEIBNIZ, RUSSEL, COUTURAT, WHITEHEAD, H. POINCARÉ, E. LE ROY, etc.

Objetos das ciências físico-químicas são "todos os fenômenos sensíveis, com exclusão daqueles que caracterizam especialmente os seres vivos". A Física, portanto, postula, como salientou W. JAMES, a existência do mundo sensível externo e sua mecânica e dinâmica.

Os postulados da sociologia podem ser reduzidos nesta fórmula: a sociedade existe como realidade sui generis, irredutível a simples coleção de indivíduos. O fato social é por essência coletivo e objetivo, irredutível ao fato psicológico, que é individual ou interindividual isto é, sempre subjetivo. Ora, não padece dúvida que tais postulados são passíveis de exame crítico.

A Filosofia, encarada como reflexão sobre os fundamentos das ciências, assume hoje importância maior, na medida em que a própria ciência, por suas descobertas, põe em choque antigas concepções e suscita novos problemas. É o caso da teoria da relatividade, colocando o "tempo" e o "espaço", como duas faces da mesma realidade e definindo "energia" como aceleração de "matéria como inércia de energia".

Em suma, as ciências matemáticas supõem a noção de "quantidade, de espaço" e outros. As ciências físicas supõem entre outros, o conceito de "movimento". As ciências morais, o de "liberdade". Todas as ciências, a validade do "conhecimento"

No mesmo sentido é o conceito proposto por HUISMAN e VERGEZ: "a partir do saber científico, o objetivo filosófico apresenta-se como reflexão crítica sobre os fundamentos desse saber" (obra citada, pág. 12).

É nessa perspectiva de "filosofia das ciências" ou "ciência das ciências" ("Scientia scientiarum"), que se colocam os estudos de BERTRAND RUSSEL, sobre "Filosofia da Matemática", de MARITAIN, sobre, "Filosofia da História", de DE HOVRE, sobre "Filosofia da Educação", de LECLERCQ, sobre "As grandes linhas da Filosofia Moral", de HUISSMAN e VERGEZ, sobre "Introdução à Filosofia das Ciências", e, de uma forma geral, todos os estudos sobre a "Filosofia do Direito".

FILOSOFIA COMO REFLEXÃO SOBRE A TOTALIDADE DAS COISAS OU SOBRE O SER

Em sentido estrito e rigoroso, "Filosofia" se identifica com "ontologia", "metafísica" ou "filosofia primeira". "A ciência do filósofo é a ciência do ser enquanto ser", diz ARISTOTELES ("Metafísica", livro XI, cap. III). E, em outra passagem: "esta ciência é diferente de todas as ciências particulares, porque nenhuma delas estuda o ser enquanto ser. Elas só tratam do ser sob determinado ponto de vista e, apenas sob esse ponto de vista, estudam seus acidentes, como por exemplo, a Matemática" (ARISTOTELES, "Metafísica, livro IV, cap. I — 1003/21).

Tendo em vista essa acepção RAEYMAEKER, em sua "Introdução à Filosofia" (Ed. Herder, S. Paulo, 1966, p. 36), propõe a seguinte definição: a filosofia é um conjunto de conhecimentos naturais, metodicamente adquiridos e ordenados, que tende a fornecer a explicação fundamental de todas as coisas.

A seguir RAEYMAEKER explica os termos de sua definição:

- 1. A Filosofia procede com método e reduz os resultados adquiridos a uma ordem sistematica, o que lhe dá um caráter verdadeiramente científico, no sentido geral da palavra. E nisso, como a teologia, as matemáticas e as ciências empíricas, ela difere do saber ordinário.
- 2. A Filosofia se situa, por definição, na ordem natural e não faz uso senão de faculdades naturais de conhecer. Distinguese, por isso, da teologia que é baseada na revelação e na fé.
- 3. Seu objetivo material é tudo, isto é, o ser. A síntese que ela projeta estabelecer engloba todas as coisas sem exceção. Por

oposição às ciências particulares, que se ocupam cada uma com uma classe determinada de objetos, com exclusão dos outros, a filosofia é dita universal, por estudar a universalidade dos seres.

4. A Filosofia, como toda ciência, define-se de maneira precisa pelo seu objeto formal, isto é, pelo ponto de vista sob o qual considera o seu objetivo material. Várias ciências podem ter o mesmo objeto material, isto é, estudar as mesmas coisas, e entretanto, serem distintas, se cada uma considerar esse objeto sob um ângulo que lhe é próprio. A Filosofia se coloca no ponto de vista da explicação "fundamental" de todas as coisas. Este é o seu objeto formal.

Isso não significa que os filósofos sejam senhores dessa explicação fundamental, e, nem mesmo, que tenham o poder de descobri-la. Mas podemos afirmar que estamos no terreno da filosofia sempre que suscitamos uma questão concernente "a explicação fundamental" das coisas e que lhe despertamos o exame, sejam quais forem os resultados positivos ou negativos desse estudo. Eis porque parece preferível limitarmo-nos a declarar na definição da filosofia em geral, que a filosofia "tende a fornecer a explicação fundamental das coisas". Seu fim é atingir essa explicação. Na esperança de realizar esse fim, ela tende para ele, o busca.

A explicação fundamental ou filosófica é suscetível, antes de tudo, de poder "plenamente" justificar-se. Não repousa em nenhum postulado ou princípio que, por sua vez, exija estribar-se em provas. Assim entendido, o objeto formal da filosofia manifesta a sua independência essencial, sua auto-suficiência. Cabe, pois, à própria filosofia e não a outra disciplina fazer integralmente o estudo crítico dos seus próprios princípios, métodos e resultados.

Como diz ORTEGA Y GASSET, a proposição primária, capaz de constituir o fundamento de todo pensar filosófico deve ser "autônoma", isto é, não depender de nenhuma outra — e "pantônoma" — isto é, aplicar-se a todas as demais.

Eis, em síntese, o pensamento de ORTEGA:

"Uma reflexão rigorosa mostra que nem a tese realista, nem a idealista, reunem esses requisitos essenciais. A tese idealista pretende encontrar essa realidade primeira no pensamento (DESCARTES). Mas o pensamento não é a realidade primária isenta de qualquer teoria e interpretação; pelo contrário, já é algo intelectualizado. O tema de nosso tempo é evitar o intelectua-

lismo e buscar a realidade radical, por uma metódica eliminação de tudo aquilo que, por ser construção nossa, constitui já uma deformação.

Por outro lado, falar do mundo independentemente de mim, como prega o realismo, é invenção, fabricação, hipótese intelectual.

"Eu" e o "mundo" somos componentes abstratos da realidade radical, que é "minha vida". Nem o sujeito é anterior e independente em relação ao objeto, nem vice-versa. O radical e primário, que constitui a essência da vida, é a presença conjunta do sujeito e objeto. "Minha vida", "nossa vida" é a realidade primária, indubitável, a certeza autônoma e pantônoma.

"Minha vida" não é um existir separado, mas um existir junto com um contorno, um coexistir com o que não sou eu. E o contorno também não existe à parte e separado de mim, mas para mim e comigo". "Eu sou eu e a minha circunstância".

Como se vê, para ORTEGA Y GASSET a vida humana é o objeto metafísico por excelência, sendo a doutrina da vida humana a questão central na filosofia orteguiana. Isto não quer dizer que essa doutrina seja idealista, e, menos ainda, antropocentrista, pois Ortega reconheceu várias vezes que o homem, ou a "vida humana", não é a única realidade no universo. É simplesmente a realidade básica, fundamental, "radical", no sentido de que todas as demais realidades, mundo físico, mundo psíquico, mundo dos valores —se dão dentro dela, podemos dizer que somente dentro dela são realidade. A vida humana — cada vida humana — é assim, para ORTEGA, uma realidade sem a qual as demais careceriam de "lugar próprio" e, consequentemente, de sentido. (V. RECASENS SICHES, "Estudos de Filosofia del Derecho", ed. Bosch, 1963, p. 472; LUIZ WASHINGTON VITA, "Introdução à Filosofia", p. 235).

É importante lembrar que o desenvolvimento de um País é um processo interno e, nesse sentido, fundamentalmente autônomo. Não existe qualquer processo de vasos comunicantes que permita a um País desenvolver outro. É o Brasil que precisa desenvolver-se, por esforço próprio, no plano político, econômico, social e, principalmente, cultural.

3. O PROBLEMA DO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO E O COLONIALISMO CULTURAL

Em qualquer de seus aspectos, a Filosofia é sempre uma reflexão crítica, e em profundidade sobre os grandes problemas que interessam ao homem.

Terá essa reflexão filosófica alguma importância efetiva para a solução dos problemas concretos da atual realidade brasileira?

Nosso problema fundamental é o desenvolvimento, que não se limita, evidentemente, ao simples crescimento econômico, mas deve significar, na fórmula feliz de LEBRET, "para cada homem, a passagem de condições menos humanas de vida, para condições mais humanas".

O desenvolvimento é o grande problema que hoje desafia o mundo, dividido entre nações poderosas, em crescimento rápido, e nações pobres, em estagnação ou desenvolvimento lento.

"Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência", lembra PAULO VI, na encíclica sobre "o desenvolvimento dos povos" ("Populorum Progressio"), ao fixar a questão fundamental que hoje desafia o mundo. E a ONU, pela decisão de representantes de mais de cem nações, reunidos para examinar os problemas de base do mundo atual, para destacar a gravidade e extensão do problema, denominou os anos de 1960 a 1970 a "Década do desenvolvimento". Decorrido esse período

e verificada a persistência do problema, que continua a desafiar a capacidade dos organismos nacionais e internacionais, fixou-se o mesmo objetivo fundamental para os próximos dez anos, designados pela ONU como a "Segunda Década do Desenvolvimento" (1970 a 1980).

Mas de que desenvolvimento se trata? Econômico, político, social, cultural?

Evidentemente todos esses aspectos devem ser compreendidos. Mas é importante lembrar que o desenvolvimento de um poís, como o crescimento de qualquer ser vivo, é um processo interno e, nesse sentido, fundamentalmente autônomo. Não existe qualquer processo de vasos comunicantes, que permita a um país desenvolver outro. É o Brasil que precisa desenvolver-se, por esforço próprio, no plano político, econômico, social e cultural.

Nosso desenvolvimento político, como nação independente passou a se operar a partir do grito de 7 de setembro. E prossegue na procura de fórmulas de organização da vida nacional que correspondam às nossas realidades e aos nossos valores.

A luta pelo desenvolvimento econômico, através da industrialização e de outros meios, que nos permitam superar o estágio colonial de dependência, vem se processando principalmente após as primeiras décadas do século XX. Há 50 anos, importávamos, praticamente, todos os produtos industriais. Hoje, produzimos quase todos os bens de consumo da população, desenvolvemos uma indústria cada dia mais aperfeiçoada e participamos, de forma significativa, no comércio internacional.

A luta pelo desenvolvimento social consiste fundamentalmente no esforço para assegurar a todos os setores da comunidade equitativa participação nos benefícios do progresso.

E o desenvolvimento cultural? Teremos superado a fase colonial da importação de cultura — hábitos, fórmulas, técnicas, doutrinas —e passado a elaborar autonomamente as soluções para nossos problemas?

Ouçamos alguns depoimentos:

É de GILBERTO AMADO, a seguinte página da "História de minha infância": — "A esse tempo, isto é, há sessenta anos, o Brasil não produzia um metro de seda, um sapato, um novelo de linha; tudo vinha do estrangeiro. Nos caixões nomes indecifráveis para mim. Calçados só inglês, fazenda de senhora, merinó,

gorgorão, chinelos de trança, cara de gato, xales de lã, a seda persa, a roupa dos homens, no clima tropical, feita de tecido inglês, fabricado para a vida da Inglaterra invernosa. Pergunto-me: como aguentavam o calor? As senhoras, quando tiravam as sapatinas, usavam em casa pantufos de la tufada como se estivessem na Sibéria. Anos depois ainda vi, no Rio, Quintino Bocaiúva à porta do Watson, à esquina da rua do Ouvidor, de sobrecasaca de fazenda pesada e luvas. "Quando olho uma fotografia de José do Patrocínio, noto a gola do "croisé" e me pergunto como podia o tribuno suportar nos dircusos do Recreio Dramático. na campanha abolicionista, aquele abafamento no corpo? Imagino os rios de suor correndo; suo com ele. Em Pernambuco, nós estudantes da Faculdade, envergávamos fragues, redingotes. Na Rosa dos Alpes, loja de Castro Silva, vejo à porta um médico conhecido, Arthur Costa, de cartola lustrosa como as que vi depois na Europa, no inverno. O Senador Rosa e Silva só andava de cartola: à redação do "Diário de Pernambuco", Aníbal Freire não chegava senão de fraque e cartola. Como suportávamos isto? Tudo vinha do estrangeiro, os hábitos principalmente. Salvo gente do povo, nunca vi, em Pernambuco, no meu tempo, ninguém de roupa leve". (pág. 40).

No mesmo sentido são as observações de OLIVEIRA VIANA, sobre o colonialismo cultural: "No Brasil, cultura significa expatriação intelectual. O brasileiro, enquanto é analfabeto, raciocina corretamente e mesmo inteligentemente, utilizando o material de observações e experiências feitas sobre as coisas que estão ao derredor dele e ao alcance dos seus sentidos e sempre revela inalterável fundo de sensatez. Dêem-lhe, porém, instrução, façam-no aprender o francês; levem-no a ler a História dos Girondinos, de Lamartine, no original — e então já não é o mesmo. Fica "homem de idéias adiantadas", cai numa espécie de êxtase e passa a peregrinar em imaginação por "todos os grandes centros da Civilização e do progresso". Se, acordando-o da hipnose, damoslhe um safanão e desfechamo-lhe à queima-roupa uma pergunta concreta e precisa sobre as possibilidades da siderurgia no Brasil, ou sobre o valor seletivo do zebu na pecuária do Triângulo, ele nos olha atônito, num estado de imbecilização sonambúlica, ou então, entra a dizer coisas disparadas sobre rebanhos ingleses e australianos; ou desenvolve, um pouco confusamente, os primeiros capítulos de uma filosofia das aplicações do ferro na economia contemporânea. Sobre o "nosso" problema siderúrgico ou sobre o "nosso" problema pecuário ele nada dirá, porque nada sabe, nem mesmo poderá saber, dado este estado particular do seu espírito. Justamente por isto é que eu cheguei a convicção de que os homens da elite intelectual do Brasil, não só os que possuem preparação literária e científica — os chamados "homens de pensamento" (doutrinadores, idealistas, publicistas, etc.) podem ser enquadrados, mui legitimamente, dentro da grande categoria dos "homens marginais" da classificação de Park. Porque — como o tipo de Park — vivem todos eles entre duas "culturas": uma — a do seu povo, que lhes forma o subconsciente coletivo; outra — a européia ou norte-americana, que lhes dá as idéias, as diretrizes do pensamento, os paradigmas constitucionais, os critérios do julgamento político". (Instituições Políticas Brasileiras, p. 15/16.)

Esse colonialismo cultural é assim descrito por AFONSO ARINOS: - "Tão grande era a fascinação que as idéias e a literatura da França exerciam sobre o Brasil, no século passado e no começo deste, que o processo de rebeldia contra os nossos próprios hábitos mentais começava sempre por ser uma rebeldia contra a influência francesa. Os grandes homens que queriam marcar um liderança original principiavam por se afastar da incrível rotina francesa. Tobias Barreto foi levado aos seus "Estudos Alemães", para destacar-se do conformismo ambiente. Sua atitude era mais ditada por ódio ao oficialismo intelectual afrancesado do Brasil, do que por verdadeira originalidade de espírito. Com Rui Barbosa a rebeldia antifrancesa exprimia o mesmo impulso de resistência ao conformismo intelectual. Quando Rui diz. com vaidade talvez, que ninguém estuda no Brasil as coisas inglesas como ele, e que a sua biblioteca sobre a Inglaterra era a maior do país, estava rendendo preito à memória do pai, o Dr. João José Barbosa de Oliveira. O próprio Rui recorda como deveu à formação liberal do pai - no sentido inglês - a sua própria formação, e, não se esquece de ajuntar que ele se familiarizou, desde a sua juventude, na casa paterna, com as leituras inglesas. embora fosse o francês o "exclusivo pão espiritual" da mocidade brasileira. Mas estas exceções, mesmo quando da grandeza de um Tobias Barreto, de um Rui, e pouco mais, confirmavam a regra. E e a regra era a vassalagem intelectual à França. Era a existência desta espécie de imigração intelectual".

O fenômeno não é apenas de ontem, nem se refere somente às concepções antiquadas ou conservadors. CAIO PRADO JÚNIOR, cuja liderança intelectual no movimento marxista brasileiro é incontestável, dedicou grande parte de seu estudo sobre "A Revolução Brasileira" à denúncia do transplante de conceitos sobre a estrutura "feudal", a figura do "camponês" e outros tipos, válidos para o quadro europeu observado por MARX, mas inteiramente estranhos à realidade brasileira. Eis algumas expressões

de seu estudo: — "No Brasil a teoria da evolução se elaborou sem considerações adequadas dos fatos". "Teoria decalcada sobre modelos estranhos e completamente alheados da realidade do país". "É isso que fazem, quando prefixam para todo e qualquer país uma etapa "feudal" que existiu na Europa precedendo o "capitalismo". Porque isso ocorreu na Europa, não se pode legitimamente "concluir que se deva dar em outros lugares". "Os documentos publicados pelo Bureau Internacional Comunista (note-se de passagem que o eram sempre em espanhol), evidenciam o mais completo desconhecimento do Brasil, e chega-se a pensar que não colaboraram nele representantes brasileiros. Em todo caso, se os havia, sua presença não se fez notar, pois os disparates no que se refere às nossas coisas são em demasia. Assim, num documento que teve grande importância na determinação da linha política nos partidos comunistas sul-americanos, publicado em 1933, sob o título "Por un viraje decisivo en el trabajo campesino", aparecem afirmações verdadeiramente assombrosas a respeito do nosso país. Referindo-se, por exemplo, aos grandes produtos de exportação que fundamentavam a economia brasileira, alinham-se aí, a par do café (até aí iam os conhecimentos do Bureau acerca do Brasil), a borracha (que em 1933 tinha uma expressão mínima, quase nula) e o arroz, cujo papel no conjunto da economia brasileira era também então insignificante. E esquece-se completamente o cacau, que nem é referido, e que, além de ser o segundo produto da exportação brasileira, depois do café, tem expressão econômica considerável". "Respeitando o velho esquema original traçado na base da experiência européia, e sem maior indagação erigido em lei geral da moderna fase evolutiva de todas e quaisquer sociedades humanas, continuou-se a falar no Brasil daquela revolução democrática burguesa destinada a eliminar os "restos feudais" supostamente presentes em nosso país. O fato contudo, é que o Brasil não apresenta nada que legitimamente se possa conceituar como "restos feudais". Para haver restos, haveria por força de preexistir a eles um sistema "feudal" de que esses restos seriam remanescentes. Ora um tal sistema feudal, semifeudal, ou mesmo simplesmente aparentado ao feudalismo, em sua acepção própria, nunca existiu entre nós, e por mais que se esquadrinhe a história brasileira, nela não é encontrado. E por mais que se queira enquadrar o nosso caso não se consegue mais que uma grosseira caricatura que os fatos ocorrentes em nosso país se recusam terminantemente a reproduzir. Em nossas origens históricas, aliás tão próximas dos dias de hoje, e que podemos acompanhar como em livro aberto, sem mistérios, não encontramos o "latifúndio feudal". Se por essa designação

entendemos algo mais que um simples rótulo de sabor literário, se lhe pretendemos dar, como devemos, um conteúdo econômico e social preciso e adequado, que permita conclusões de ordem política, e particularmente de natureza revolucionária, então o conceito de latifúndio feudal ou semifeudal é inaplicável e inteiramente descabido no que respeita ao Brasil e à maior e melhor parte de sua estrutura rural".

Do lado americano, não é menos franco o reconhecimento e a denúncia de soluções transplantadas e igualmente inadequadas à nossa realidade. Foi esse o sentido do famoso discurso do Presidente Nixon, que, em fevereiro de 1970, definiu a nova política externa dos Estados Unidos. Comentando esse discurso, o Embaixador daquele país no Brasil, Sr. BURKE ELBRICK, assim se expressou: "O Presidente Nixon deixou bem claro que os Estados Unidos, em suas relações com a América Latina, passarão a adotar uma atitude diferente. Não vamos dizer a ninguém como resolver seus próprios problemas. Devem existir soluções locais e não solução "made in U.S.A.". (Revista "Veja", nº 4, de março de 1970, p. 5). Donde se conclui que até essa data, tais soluções elaboradas no exterior, ou "made in USA" constituiam procedimento usual... Isso até março de 1970.

E os exemplos poderiam ser multiplicados numa pesquisa histórica de nossas idéias e outras manifestações culturais (V. CRUZ COSTA, "Contribuição à história das idéias no Brasil", ed. Civiliz Brasileira, 1967). ALCEU AMOROSO LIMA, num ensaio já antigo, apontou como uma das constantes da cultura brasileira o que ele chamou "lei da repercussão". Todos os movimentos de idéias no Brasil têm sido repercussão de similares europeus, com distância de trinta anos no tempo. Isso, nos diferentes setores da atividade intelectual ou artística.

Essa é também a observação de LUIS WASHINGTON VITA: "De fato, cumprindo seu destino e sua vocação, o pensamento brasileiro, mais que **criativo**, é **assimilativo** das idéias alheias, e, ao invés de abrir rumos novos, limita-se a assimilar e a incorporar o que vem de fora. Daí a história da Filosofia no Brasil ser, em geral, uma história da penetração do pensamento alheio nos recessos de nossa vida especulativa, ser, em suma, a narrativa do grau de compreensão, da nossa capacidade de assimilação nas diferentes épocas e do nosso quociente de sensibilidade espiritual". (Esforço da Filosofia no Brasil, Coimbra, 1964, p. 9)

Os problemas brasileiros possuem realidade própria e exigem soluções e métodos de estudo adequados a essa realidade. Não podemos estudar nosso processo de desenvolvimento econômico, e social, empregando esquemas europeus ou norteamericanos.

Evidentemente, não se trata de rejeitar a contribuição técnica, científica ou filosófica de procedência externa. Mas. sim, de evitar recebê-la sem espírito crítico e elaboração própria.

4. IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA COMO REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE OS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DE NOSSO DESENVOLVIMENTO CULTURAL

Com razão HÉLIO JAGUARIBE, colocou como epígrafe em seu estudo sobre a "Filosofia no Brasil", as seguintes palavras de ALBERTO ZUM: "Nosso problema agora é outro. Trata-se de superar a condição de colonialismo cultural, em que temos vivido até hoje, para assumir a autonomia e a responsabilidade de uma elaboração própria".

E aqui se situa o papel insubstituível da Filosofia, como reflexão crítica e em profundidade sobre os diversos setores de nosso conhecimento.

Não se trata, evidentemente, de desprezar os estudos, as reflexões e os conhecimentos elaborados em quaisquer épocas ou em qualquer parte do mundo. Em todo problema há aspectos universais e reflexões, cuja validade não está limitada por fronteiras ou épocas. Mas as questões concretas apresentam sempre uma caracterização diferenciada e própria. E, se a sabedoria deve voltar-se par a vida real e esclarecê-la, não podemos nos contentar com a repetição de princípios e reflexões divorciadas da realidade concreta ou elaborados em função de situações que não são as nossas. Como diz ORTEGA Y GASSET, não vimos à vida para dedicá-la ao exercício intelectual, mas, vice-versa, porque estamos — queiramos ou não — metidos na faina de viver, temos

que exercitar nosso intelecto, pensar, ter idéias sobre o que nos rodeia, mas tê-las de verdade, isto é, ter as nossas."

Os problemas brasileiros possuem realidade própria e exitivermos uma tecnologia brasileira, adaptada à nossa realidade Não podemos estudar nosso processo de desenvolvimento econômico e social empregando esquemas europeus ou norte-americanos. Não podemos aplicar à criança ou à juventude brasileira testes de PIAGET elaborados com bases nas crianças francesas. Não podemos estudar os problemas da mortalidade infantil no Brasil, fundados em critérios e dados de pesquisa realizada em outros países. Não podemos aceitar, sem preocupação e resistências, a invasão dominadora de um cinema estrangeiro, divorciado de nossos problemas, a nos apontar realidades e valores que não são nossos, a dificultar a tomada de consciência de nossa situação real, a gerar atitudes de alienação e de fuga. E, principalmente, não podemos continuar importanto passivamente tecnologias estrangeiras para nosso desenvolvimento. Enquanto não tivermos uma tecnologia brasileira, adaptada à nossa realidade e elaborada por nós mesmos, continuaremos a ser dependentes e caudatários de outras economias. O exemplo do Japão, nesse sentido, é impressionante. Mediante um meticuloso trabalho de estudo e adaptação das tecnologias estrangeiras às condições e necessidades do país, o Japão vem elaborando sua própria tecnologia. E, nos últimos dez anos, conforme relatório oficial da ONU dispensou 2.141 processos técnicos de fabricação importados dos Estados Unidos, 381 da Alemanha Ocidentai, 268 da Suica, 194 da Inglaterra, 118 da França, 86 da Suécia e 44 da Itália.

Evidentemente, não se trata de rejeitar a contribuição técnica, científica ou filosófica de procedência externa. Mas, sim, de evitar recebê-la sem espírito crítico e elaboração própria. O que se impõe é recusar o puro transplante e realizar um esforço de reflexão em profundidade sobre as implicações sócio-culturais das doutrinas, concepções, hábitos, processos e métodos de qualquer origem. E, principalmente, sem desprezar a contribuição cultural eterna, levar a efeito um trabalho de elaboração própria e reflexão crítica sobre nossos problemas e nossas realidades.

Esse trabalho só pode ser feito pelos próprios brasileiros ou por aqueles que, integrados em nosso meio, tenham "a vivência e a consciência de nossos problemas". Essa reflexão crítica é uma das grandes tarefas da filosofia de nossos dias. Essa é a principal responsabilidade dos que se disponham a contribuir pa-

ra o desenvolvimento do país, no plano difícil, mas fundamental, da construção de uma cultura brasileira, em suas diversas modalidades.

Esse objetivo não será alcançado se continuarmos a ensinar e estudar filosofia empregando os métodos usuais de simples assimilação de doutrinas e sistemas. Ninguém adquire competência ou formação filosófica pelo fato de conhecer tais doutrinas.

O importante é desenvolver o espírito crítico e a capacidade de reflexão em profundidade em todos os setores de nossa cultura.

Para isso, impõem-se, a nosso ver, duas medidas principais. Primeiro, focalizar, como tema prioritário de estudo e reflexão filosófica, os grandes problemas da cultura brasileira. Segundo, adotar métodos de trabalho que substituam a simples leitura e interpretação de textos, pelo diálogo e discussão, em que os temas sejam examinados e debatidos, com a participação de professores, assistentes e alunos.

A focalização de temas brasileiros e a reflexão em profundidades sobre as questões básicas de nossa realidade cultural, no campo da educação, da sociologia, da economia, da política, do direito, da técnica, das artes, etc. representa o primeiro passo para a superação de colonialismo cultural e elaboração de um autêntico pensamento filosófico no Brasil. Representam contribuições setoriais, nesse sentido, além dos indicados, os estudos sobre "A mentalidade colonial em liquidação", de GUERREIRO RAMOS (Cap. III de "A redução sociológica", ed. Ministério da Educação, Rio, 1958); "O processo de nossa emancipação jurídica", de MACHADO NETO (in "Introdução à Ciência do Direito", vol. II, ed. Saraiva, 1963, pág. 329 e sgts); "A dinâmica da mudança sócio-cultural no Brasil", de FLORESTAN FERNANDES (Cap. II de "Sociedades de classes e desenvolvimento", ed. Zahar, 1968), e inúmeras outras.

De outra parte, o método de estudo e ensino de filosofia e, particularmente, a reflexão crítica e em profundidade sobre os temas indicados exigem uma reformulação de métodos. Entre eles, devem estar em primeiro plano a reflexão pessoal e o diálogo, principalmente através do trabalho de grupos. Essa metodologia adotada na pesquisa e discussão de problemas fundamentais de nossa realidade cultural, constitui processo indispensável para chegarmos a resultados que representem contribuição positiva para a elaboração de uma autêntica cultura brasileira.

Contribuiremos, assim, para superar a condição de colonialismo cultural e inautenticidade que tem marcado nossos estudos de filosofia. E estaremos assumindo a atitude crítica e histórica capaz de nos conduzir a uma elaboração própria. Esse trabalho é essencial à obra do desenvolvimento.

Sem uma base cultural própria não há verdadeiro desenvolvimento nacional.

5. BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Gilberto, História de minha infância. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1954.
- ARISTOTELES, Metafísica, livro XI, cap. III
- BERGSON, Henri, A evolução criadora, trad. de Adolfo Casais Monteiro, Estudo Introdutivo de Jean Guitton, Rio de Janeiro, Delta, 1964.
- BRUGGER, Walter, **Dicionário de Filosofia**, organizado com a colaboração do Corpo Docente do Colégio Berchmans de Pullach (Munique) e outros professores. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. S. Paulo, Herder, 1962.
- COSTA, João da Cruz, Contribuição à história das idéias no Brasil, ed. Civilização Brasileira, 1967.
- DIDIER, Júlia, **Dicionário de Filosofia**, trad. de José Américo Motta Pessanha, Rio, Larousse do Brasil, 1969.
- DUJOVNE, Leon, Teoria de los valores y filosofia de la historia, Buenos Aires, Paidos, 1959.
- FERNANDES, Florestan, A dinâmica da mudança sócio-cultural no Brasil, in capítulo II de Sociedade de classes e desenvolvimento, ed. Zahar, 1968.
- FRANCA, Leonel S.I., Noções de História da Philosophia, 2ª ed., Rio de Janeiro, Drummond, 1921.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto, A mentalidade colonial em liquidação, in capítulo III de A redução sociológica, ed. Saraiva, MEC, Rio, 1958.
- HEIDEGGER, Martin, Introdução à metafísica, Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969 (Biblioteca tempo universitário, 1). Sobre o humanismo, trad.

- de Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. **Que é metafísica?**, trad. Ernildo Stein, Rev. de José Geraldo Nogueira Moutinho, São Paulo, Duas Cidades, 1969.
- HUISSMAN e VERGEZ, Introdução à Filosofia das ciências, ed. Freitas Bastos, Rio, 1965. Curso Moderno de Filosofia, Ed. Freitas Bastos, 1967.
- JAGUARIBE, Hélio, Filosofia no Brasil, ed. ISEB, 1957.
- JASPERS, Karl, Introdução à Filosofia, S. Paulo, 1960.
- JOLIVET, Regis, As doutrinas existencialistas, de Kierkegaard a Sartre, Trad. de Antônio de Queiroz Vasconcelos e Lencastre, 3ª ed., Porto, Tavares Martins, 1961.
- KIERKEGAARD, Soren, O desespero humano, trad. Adolfo Casais Monteiro, Porto, Tavares Martins, 1961.
- LACROIX, Jean, Marxismo, existencialismo, personalismo, trad.

 Maria Helena Kuhner, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- MACHADO NETO, Antonio Luiz, O processo de nossa emancipação jurídica, in Introdução à Ciência do Direito, ed. Saraiva, vol. II, 1963.
- MARIAS, Julian, Introdução à Filosofia, trad. de Diva Ribeiro de Toledo Piza, 2ª ed., Rev., S. Paulo, Duas Cidades, 1966. Antropologia metafísica; a estrutura empírica da vida humana, trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza, S. Paulo, Duas Cidades, 1971.
- MARITAIN, J., Sobre a filosofia da história, trad. Edgard G. Mata Machado, S. Paulo, Herder, 1062. Introdução à filosofia, Ed. Agir, Rio, 1950.
- MELO, Gladstone Chaves de, O pensamento filosófico no Brasil, Rio, 1971.
- MERLEAU-PONTY, Maurice, Fenomenologia da percepção, trad. de Reginaldo di Piero, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971.
- MOUNIER, Emmanuel, **O personalismo**, trad. de João Bernard da Costa, 2ª ed., Lisboa, Morais, 1964 (O Tempo e o Modo, 1).

- OLIVEIRA VIANA, Francisco José de, Instituições Políticas brasileiras, José Olímpio, 1949.
- PAULO VI, Populorum Progressio.
- PRADO JÚNIOR, Caio, A revolução brasileira, ed. Brasiliense, 1966.
- RAEYMAEKER, Luiz, Introdução à Filosofia, ed. Herder, São Paulo, 1966.
- RECASEN SICHES, Luiz, Estudios de filosofia del derecho, ed. Bosch, 1963.
- RUSSEL, Bertrand, Filosofia da matemática, trad. Giasone Rebua, 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.
- SALMAN, D.H., O lugar da filosofia na universidade, trad. João Bosco Fonsêca Lara, Petrópolis, Vozes, 1969.
- SANTOS, Mário Ferreira dos, Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, 3ª ed., S. Paulo, Matese, 1965.
- SARTRE, Jean-Paul, **O** existencialismo é um humanismo, trad. de Virgílio Ferreira, 2ª ed., Lisboa, Presença, 1960. (Coleção Divulgação e Ensaio, 18). **Questão de método**, trad. de Bento Prado Júnior, 2ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- SHAFFER, Jerome A., Filosofia do espírito, trad. Luiz Corção, Rio, Zahar, 1970 (Curso Moderno de Filosofia).
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre, O fenômeno humano, trad. de Leon Bourdon e José Terra, 2ª ed., São Paulo, Herder, 1966.
- VAN ACKER, L., Introdução à Filoofia e Lógica, E. Saraiva, 1932. Lições de Filosofia do Direito, PUC, S. Paulo, 1965.
- VERNEAUX, Roger, Filosofia do homem, trad. de Cristiano Maia e Roque de Aniz, São Paulo, Duas Cidades, 1969.
- VITA, Luiz Washington, Introdução à Filosofia, Ed. Melhoramentos, São Paulo. Escorço da filosofia no Brasil, Coimbra, 1964.
 Momentos decisivos do pensamento filosófico, S. Paulo, Melhoramentos, 1964.

REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

CONVIVIUM

São Paulo

DIANOIA

Universidad Nacional Autonoma do Mexico Ed. Fondo de Cultura Economica

KRITERION

Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Belo Horizonte — MG

ORGANON

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre

REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

Instituto Brasileiro de Filosofia São Paulo — SP

REVISTA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre — RS

